



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

TARCILO JOSÉ MEDEIROS ARRUDA ARAÚJO

**A CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL EM CAMPINA
GRANDE – PB (1949-1955)**

CAMPINA GRANDE – PB

2011

TARCILO JOSÉ MEDEIROS ARRUDA ARAÚJO

**A CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL EM CAMPINA
GRANDE – PB (1949-1955)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação e licenciatura plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau licenciado em História.

**(Orientador) Ms. Matusalém Alves de
Oliveira**

CAMPINA GRANDE – PB

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

A663c

Araujo, Tarcilo José Medeiros Arruda

A construção do movimento estudantil em Campina Grande – PB – 1949 – 1955 [manuscrito]: /Tarcilo José Medeiros Arruda Araújo. – 2011.

20 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Profa. Me. Matusalém Alves de Oliveira, Departamento de História”.

1. Movimento Estudantil 2. Campina Grande 3. Deslocamento. I.
Título.

21. ed. CDD 303.484



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Centro de Educação

Curso de História

Rua-Antônio Guedes de Andrade, 190-Catolé

Telefone-3310-7021

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE LICENCIATURA

Aos TRÊZE DIAS do mês JUNHO do ano de DOIS MIL E OZTE às DEZ horas, na sala VINTE E UM do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, teve início a defesa do artigo científico referente a conclusão fim de curso da aluna TARCILIO JOSE MEDEIROS ARRUDA ARAÚJO sob o título A CONSTAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL EM CAMPINA GRANDE-PB (1949-1955) a banca examinadora foi composta pelos professores (a) JOSE CAUSTOVÃO DE ANDRADE, WELLINGTON WANDERLEY GONÇALVES DE LIMA e o professor (a) orientador (a) MATUSALEM ALVES OLIVEIRA. Após a apresentação do trabalho pelo (a) candidato (a), os três professores se posicionaram ao trabalho produzido. Após as considerações do (a) candidato (a), a banca reuniu-se e deliberou pela (NOTA DE OITO E MEIO) APROVAÇÃO do artigo científico da aluna (a) TARCILIO JOSE MEDEIROS ARRUDA ARAÚJO. Com nota DE OITO E MEIO.

Campina Grande 13 / 06 / 2017.

Matusalem Alves Oliveira
Orientador(a)

Jose Caustovão de Andrade
Membro da Banca

Wellington Wanderley Gonçalves de Lima
Membro da Banca

A CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL EM CAMPINA GRANDE – PB (1949-1955)

ARAÚJO, Tarcilo José Medeiros Arruda¹

RESUMO

Aos seis dias do mês de agosto de 1935, estava sendo criado O Centro Estudantal Campinense – CEC, na cidade de Campina Grande – PB. A partir desta data, alguns jovens da cidade se organizavam através de uma associação que congregava os estudantes e seus interesses. Em torno desta instituição os estudantes reivindicavam alguns direitos que não se fixavam necessariamente nos seus interesses, realizando, portanto um deslocamento prático-discursivo em torno das questões das necessidades básicas da cidade. A partir das mobilizações realizadas pelo movimento estudantil, objetivo, por meio deste trabalho, investigar os aspectos da história deste movimento na cidade de Campina Grande – PB, no período compreendido entre 1949 e 1955.

Palavras-chave: Campina Grande; Movimento Estudantil; Deslocamento.

¹Licenciado em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. tarcilomedeiros@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Por meio deste trabalho tenho como objetivo investigar os aspectos da história do movimento estudantil secundarista na cidade de Campina Grande²– PB, no período compreendido entre 1949 e 1955.

O recorte temporal justifica-se a partir da idéia dos deslocamentos ocorridos em torno das reivindicações do movimento estudantil nesta cidade. Em 1949, as reivindicações dos estudantes partiam das necessidades próprias da classe estudantil, para as necessidades que dizem respeito à população e aos problemas da cidade de um modo geral. Já em 1955, as reivindicações saem do âmbito local e partem para as ações políticas de ordem nacional.³ Sendo assim, dois limites se instauram possibilitando melhor compreender as ações político-estudantis analisadas neste texto em torno da luta por melhores condições de vida na cidade de Campina Grande.

Cabe pontuar inicialmente que por movimento estudantil (ME) compreende-se um grupo de estudantes buscando fazer reivindicações, discutir propostas, idéias e ações realizadas para a melhoria de suas vidas.

Na história política do Brasil, o Movimento Estudantil passou a ganhar grande visibilidade, em especial, no período histórico nomeado de ditadura militar (1964-1985). É importante destacar que boa parte das insurreições, resistências e confrontos políticos nesse período teve a participação direta ou indireta dos participantes deste movimento.

Sendo assim, neste período, o movimento estudantil alcançou considerável mobilização e visibilidade, destacando-se pelas suas ações, tais como: tomar os centros das cidades em passeatas, usar palavras de ordem e pichações. Em torno de suas manifestações se aglutinavam diversos setores da sociedade, como alguns seguimentos da Igreja Católica, artistas e intelectuais.

² Cidade do interior do Estado da Paraíba, que em 1945 segundo dados do IBGE o município contava com cerca de 141.266 habitantes. SILVESTRE, Josué. **Lutas de vida e de morte** – Fatos e personagens da História de Campina Grande 1945-1953. Brasília, Senado Federal, 1982.

³ Cabe ressaltar que os deslocamentos analisados neste recorte temporal não aconteceram de maneira abrupta, mas eles são graduais e frutos de embates e conflitos próprios dos acontecimentos históricos. Sendo assim, os limites temporais estabelecidos neste texto não representam uma ruptura estanque, mas um deslocamento, uma mudança.

Os estudantes que participaram deste movimento desempenharam um papel importante: lutaram, denunciaram, realizaram passeatas, distribuíram panfletos, enfrentaram tropas policiais e até pegaram em armas dentro e fora das escolas e universidades. Neste sentido, os estudantes passaram a ser vistos, principalmente, pelas suas reivindicações.

Essas manifestações estudantis eram lideradas por uma entidade que tinha representação a nível nacional e congregava os estudantes universitários dos mais variados estados brasileiros. Essa entidade representativa passou a existir a partir da criação da União Nacional dos Estudantes no ano de 1937.⁴

Na década de 1960, através da União Nacional dos Estudantes – UNE, os representantes estudantis defendiam a reforma universitária como fazendo parte da revolução brasileira. Portanto, defendiam uma universidade comprometida com as camadas populares, crítica e pautada na reformulação, além disso, capaz de produzir e transmitir cultura.

Em 1948 estava sendo criada uma entidade com intuito de congrega os estudantes secundaristas do país, denominada de União Nacional dos Estudantes Secundários – UNES, a qual, pouco tempo depois, teria o seu nome modificado para União Brasileira dos Estudantes Secundários – UBES.

Estes acontecimentos ocorridos a nível nacional terminaram por influenciar a organização dos estudantes em suas localidades. Assim, em 06 de agosto de 1935⁵, estava sendo criado O Centro Estudantil Campinense – CEC, na cidade de Campina Grande. A partir desta data, alguns jovens estudantes da cidade se organizavam através de uma associação que congregava os estudantes e seus interesses.

Os principais objetivos eram basicamente os mesmos que continham a União Nacional dos Estudantes Secundários – UNES que significava a entidade máxima de representação e coordenação dos corpos discentes dos estabelecimentos de ensino secundário do país.

Neste sentido, tomo como ponto de partida a criação desta entidade estudantil na cidade de Campina Grande para lançar a questão norteadora da minha trajetória neste artigo. Diante disto, questiono quais foram os fios históricos que, enredados, fizeram com

⁴ POERNER, Artur. **O Poder Jovem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 47

⁵ Jornal Formação, 06 de outubro de 1952.

que o Centro Estudantal Campinense se apropriasse de outros lugares que não diziam respeito especificamente à finalidade com que foi criado?

O desafio que está posto nesta trajetória é, portanto, entender o porquê, dentre as entidades de representação social da cidade, o Centro Estudantal Campinense foi aquele que teve maior visibilidade e se tornou a captadora dos problemas que atingiam a população desta cidade, funcionando como uma espécie de megafone da sociedade.

Sendo assim, procuro as enunciações, o aparato discursivo e as estratégias⁶ que legitimaram a atuação do Centro Estudantal Campinense, tornando-o o principal reduto de reclamações da sociedade campinense no período de 1949 a 1955.

⁶ Conceitos como enunciação, discurso e estratégia são utilizados neste textos a partir de pensadores como Michel Foucault e Michel de Certeau . Cf. CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994; FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo, Edições Loyola, 2005.

REFERENCIAL TEÓRICO

No processo de construção da identidade do Movimento Estudantil, os estudantes que participaram deste movimento, têm sido descritos como os guardiões dos interesses da sociedade brasileira, onde as insurreições, resistência e participação nos confrontos políticos são associadas à participação direta ou indireta de tais estudantes.

Sendo assim, a historiografia em torno desta temática busca dar destaque a essa imagem dos estudantes enquanto sujeitos reivindicativos por excelência. Diante disto, busco compreender este capítulo da história brasileira produzido pela historiografia política do país. A questão é, a partir da análise historiográfica, buscar desnaturalizar as vertentes que homogeneizam e universalizam a participação dos estudantes na história.

Grande parte da produção historiográfica brasileira em torno desta temática encontra-se relacionada ao período do governo dos militares (1964-1985). As obras analisadas percebem o movimento estudantil como algo natural e não como uma produção cultural datada. Para esses discursos, nas primeiras manifestações ainda no período colonial, ou no império, além da república e do período militar, tudo o que os estudantes fizeram foi o natural, normal e óbvio.

O livro *O estudante e a transformação da sociedade brasileira* da socióloga Marialice Foracchi é um estudo tido como um clássico sobre o tema. Lançado em 1965, foi umas das primeiras análises sociológicas que buscou entender as possíveis motivações da participação política estudantil. A autora utilizou como referência para sua pesquisa um grupo de estudantes paulistas, a autora discute variáveis que condicionam a ação estudantil. São analisados aspectos como o trabalho, a socialização, a carreira profissional, a dependência da família, a condição do jovem, a perspectiva de emancipação econômica e a relação ambivalente e contraditória do estudante com seu meio social. Estas categorias sugerem algumas interpretações da ação estudantil, entretanto, a autora considerou que a ação dos estudantes são motivadas por serem membros da pequena-burguesia.⁷

⁷FORACCHI, Marialice M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. 2 edição, São Paulo, Companhia Editora nacional, 1965.

É das tensões no final dos anos de 1960 que surge o texto de Artur Poerner, um texto politicamente engajado e que pretendeu dar respostas e justificar a participação dos estudantes naquele momento histórico brasileiro.

O Brasil vivia em pleno governo dos militares, intensas manifestações não só de estudantes, como também de vários setores da sociedade, protestavam contra o regime político instalado. Sendo assim se faz necessário entender que toda obra historiográfica é escrita associada ao seu lugar de produção, e dos interesses do seu tempo.

Dessa forma *O Poder Jovem*. É escrito de uma perspectiva bem diferenciada. Nesta obra o autor buscou encontrar desde o período colonial até o início dos anos de chumbo⁸, exemplos que justificassem uma generosidade *sui generis* no jovem estudante em abraçar projetos ao lado do povo brasileiro. A documentação trabalhada pelo autor constituiu uma rica coleta de periódicos estudantis, leis, propostas educacionais, jornais e moções legislativas garantindo uma riqueza que contribui para uma periodização do movimento estudantil brasileiro.

Entretanto, mesmo sendo precioso em detalhes, o texto mostra que o autor não buscou investigar e analisar as motivações da participação estudantil no movimento de forma menos emocionada, evolucionista, mitológica e assentada na idéia do jovem como um revolucionário. Apesar de que, gostaria de destacar a importância desta obra por ser uma das primeiras sínteses sobre a história do movimento estudantil brasileiro.

Já no que diz respeito à atuação dos estudantes no período do governo dos militares, principalmente de suas lutas em torno da abertura lenta e gradual do regime à redemocratização e buscando contribuir para romper um profundo desconhecimento dos jovens em relação ao regime militar, José Luís Sanfelice examina a produção política/teórica da UNE, a resistência desencadeada pela entidade à ditadura e as diversas tentativas do regime militar em disciplinar o movimento estudantil. Ao frisar que não se pode transferir a ideologia da UNE ao movimento estudantil e que se configurou em cada estabelecimento universitário, o autor nos sugere a importância de investigar o movimento estudantil em suas próprias localidades.⁹

⁸ Período da história política brasileira que compreende aos anos entre 1964 à 1985, onde se instaurou o regime militar.

⁹ SANFELICE, José L. **O movimento estudantil e a UNE na resistência ao golpe de 64**. Cortez Editora, 1986.

Buscando superar os mitos sobre o movimento estudantil enquanto uma ação naturalmente oposicionista, Martins Filho, em o *Movimento Estudantil e Ditadura Militar no Brasil*, estuda suas vinculações, inserindo-o numa trama historicamente determinada e relacionando-o com as orientações de sua direção política. Desta forma, o livro é um marco nos estudos sobre o tema ao inovar a análise metodológica a partir destes pressupostos.¹⁰

Utilizando alguns jornais do eixo Rio/São Paulo, o autor constrói um rico levantamento de mobilizações organizadas num quadro pormenorizado com as respectivas motivações, as estimativas de público e a região em que se desenvolveu.¹¹

Mesmo reconhecendo a importância de tais obras, cabe ressaltar que toda essa produção sobre a temática em questão ajuda a realimentar uma tradição existente no meio acadêmico de que o movimento estudantil é algo natural e não uma produção cultural datada.

É importante ressaltar também, que há uma ausência de produção bibliográfica em torno da temática, em especial, a cerca da participação política dos estudantes na cidade de Campina Grande. Do levantamento bibliográfico feito nesta cidade, foi possível localizar poucos trabalhos sobre a atuação dos estudantes na sociedade campinense¹². Desse modo, justifica-se a importância da análise do movimento estudantil nesta cidade, pois reconheço que este trabalho será mais um olhar sobre a história do movimento estudantil.

Estarão em constante diálogo na construção dessa história sobre o movimento estudantil em Campina Grande, autores como Michel de Certeau e Michel Foucault, pois estes autores, por meio de seus conceitos contribuem para pensar este acontecimento histórico enquanto tramas que se constrói por meio de forças e relações de poder que se engendram a partir fios tecidos nas relações sociais.

¹⁰ MARTINS FILHO, João Roberto. **Movimento Estudantil e Ditadura Militar no Brasil: 1964-1968**. Campinas: Papirus, 1987.

¹¹ Idem.

¹² Dentre os trabalhos localizados uma dissertação de mestrado da área de Sociologia ganhou maior destaque no diálogo com este trabalho. Cf. NASCIMENTO, Gilmar dos Santos. **A geração engajada: Busca de espaços na velha estrutura do poder (Um estudo sobre o Centro Estudantil Campinense 1955-1960)**. Campina Grande-PB.1990.

REFERENCIAL METODOLÓGICO

Com base na leitura da bibliografia, percebe-se a existência de uma inovação na abordagem sobre o tema, com o uso de novas fontes, diferentes delimitações espaciais e temporais e referenciais teóricos distintos. Porém, há uma convergência entre os autores no que diz respeito a identificar uma série de medidas de contenção, controle político ideológico e repressão à universidade. A exemplo disso, tem-se algumas medidas legais e as invasões da Universidade de Brasília pelas tropas do exército.

Este é apenas alguns dos exemplos que demonstram uma tendência em analisar a repressão como agindo de “fora para dentro” em relação às universidades. Desse modo, poderiam sugerir a interpretação das universidades como vítimas do regime militar e não como uma instituição atuante nos seus interesses. Todavia, os estudos fora do eixo Rio/São Paulo, sugerem a existência de reitores e funcionários colaborando com a política autoritária, embora isto seja silenciado.

Diante do quadro exposto, busco um aporte metodológico que melhor der suporte para compreender, estudar e analisar a atuação do Centro Estudantil Campinense. A proposta é a de operacionalizar os conceitos enredados por Michel de Certeau, a exemplo, da distinção entre *lugar* e *espaço*¹³, bem como a sua discussão em torno da ideia de *estratégia*.¹⁴

¹³ O espaço aqui é entendido ao modo de Michel de Certeau, para quem há uma distinção entre *espaço* e *lugar*. O *lugar* é a ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência, nele impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que implica, portanto, uma indicação de estabilidade. O *espaço*, por sua vez, é um cruzamento de móveis e é animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. O espaço é o efeito produzido pelas ações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. Em suma, o espaço é um lugar praticado. Cf. CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

¹⁴ A *estratégia* aqui é entendida ao modo de Michel de Certeau, para quem a estratégia é o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um *próprio* e, portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. Segundo Certeau, a nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico. Sendo assim o discurso estratégico parte de um lugar que lhe confere autoridade. Cf. *Idem*.

Além de Michel de Certeau, este trabalho dialoga com Michel Foucault por meio do conceito de *discurso*¹⁵. A análise dos discursos enredados em torno Centro Estudantil Campinense, permite construir uma história da sua atuação na cidade, além de tentar entender como foi elaborada sua visibilidade e dizibilidade na sociedade. .

No que se refere às fontes utilizadas, este trabalho é construído através dos jornais que veiculavam em Campina Grande, no período analisado, tais como: *Jornal de Campina*, *Jornal o Momento*, e o jornal do Centro Estudantil Campinense, denominado de *Formação*. Utilizo ainda, os estatutos e documentos da entidade.

Busco por meio dessas fontes, construir uma história que possa dar a ver as ligações e os interstícios próprios dos acontecimentos históricos. Não se trata de hierarquizar e cultuar tais fontes como se elas fossem a representação da verdade única e incontestável. Longe de qualquer inocência e imparcialidade buscarei analisar essas fontes não como o testemunho do real, mas como uma construção de um real possível de ser lido.

A escolha dos jornais deveu-se ao fato de incorporarem na sua pauta diária notícias sobre o movimento estudantil na cidade. Além disso, representavam posicionamentos diferentes em relação ao conteúdo: uns mais afinados; outros mais críticos.

A consulta aos jornais permitiu rastrear diversos acontecimentos ocorridos durante o período estudado. Além disto, mais do que descrições, tive acesso aos discursos jornalísticos que produzem uma verdade sobre o movimento estudantil na cidade de Campina Grande, pois entendo que não há neutralidade nos discursos, e não seria diferente nas informações jornalística, as quais estão repletas de intencionalidades e visam atingir um determinado público. Assim, os jornais são resultado de opções político-ideológicas de determinadas forças sociais e destacam-se pela “[...] sua função informativa, como órgãos modeladores da opinião pública”.¹⁶

¹⁵ “Foucault define o discurso como um ‘conjunto de enunciados’ que provém de um mesmo sistema de formação; assim se poderia falar de discurso clínico, discurso econômico, discurso da história natural, discurso psiquiátrico.” Cf. CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 217.

¹⁶ CAPELATO *Apud* SILVA, Márcia Pereira da. **Em busca do sonho**: história, juventude e repressão – Franca (1960-1970). Montes Claros: Ed. Unimontes, 2001.

DADOS E ANÁLISE DA PESQUISA

Se reservasse uma passagem na máquina do tempo que me transportasse para a cidade de Campina grande, a passagem que interessaria a este trabalho poderia situar-se a partir do dia seis de outubro do ano de 1935. O que poderia ser visto? Às nove horas da manhã, na sede do Campinense Clube, no centro da cidade, poderia ser encontrado os estudantes secundaristas reunidos sobre o nome de Centro Estudantal Campinense – CEC.

Entre muitas conversas e várias discussões, alguns temas tratados estavam: educação, literatura, cultura, economia, geografia, história, saúde... Assuntos estes que serviriam para manter os estudantes atualizados e proporcionar um maior conhecimento e debate de assuntos estudados na escola. Outro tema bastante discutido era a política, onde seriam analisadas desde questões de caráter ideológico, como também os problemas que diziam respeito à classe estudantil.

A partir desta data os jovens estudantes da cidade se organizavam através de uma associação que congregava os estudantes e seus interesses. Neste momento os estudantes eram convocados para lutarem e pleitearem melhores condições de estudos através do “Centro Estudantal Campinense¹⁷”. Em seu primeiro estatuto, dentre vários princípios, cabe enumerar alguns que são defendidos pelos estudantes que fizeram parte da primeira diretoria da entidade como;

Congregar a classe, afim de que aja solidariedade entre seus componentes;
Pleitear abatimentos das passagens de navios, bondes, ônibus, cinemas, casas teatrais e demais benefícios que visem o interesse da classe;
Criar uma escola primária pública noturna e gratuita;
Resolver as questões da classe, defendendo os respectivos direitos;
Organizar uma biblioteca de obras literárias, científica e religiosas que ficarão à disposição dos sócios.¹⁸

Tais objetivos com o passar dos anos foram sendo conquistados através de muitas lutas por parte dos estudantes, direitos esses adquiridos através de mobilizações que chamaram a atenção da sociedade, muitos comícios e passeatas foram organizados para fazer com que os estudantes pagassem metade do valor dos ingressos nos cinemas da cidade, como também em jogos esportivos.

¹⁷ Jornal Formação, 06 de outubro de 1952.

¹⁸ Estatuto de fundação do Centro Estudantal Campinense. Itens: A, B, C, D e E do artigo 2º.

Algumas campanhas foram difundidas pelo Centro Estudantil Campinense, a exemplo da campanha pró-construção da casa do Estudante¹⁹, onde muitas viagens e várias atividades foram realizadas para arrecadar dinheiro para a construção do local que serviria para abrigar os estudantes que viessem de outras cidades para estudar na cidade e, naquela época, não dispunham de local para morar.

Vários atos e operações também marcaram a trajetória do centro para a instalação na cidade da escola politécnica. Campanhas com outras entidades da sociedade campinense e acordos firmados entre os estudantes e outras associações que gerariam arrecadação de verba para construção da escola politécnica, várias partidas de futebol foram realizadas com esse intento.

Dessa forma, nota-se que o Centro Estudantil Campinense, era um corpo social com objetivos e reivindicações muito específicas. Tais como, defender os interesses e conquistar direitos para a classe estudantil da cidade.

Exemplos dessas reivindicações podiam ser visto por meio da reportagem veiculada pelo *Jornal de Campina* no dia 06 de setembro de 1953. Nela o jornalista noticiava que os estudantes, na noite anterior, estavam fazendo uma movimentação com o intuito de obter um abatimento que seria revertido em benefício da casa do estudante. O texto jornalístico acrescentava que o movimento da mocidade repercutiu “simpaticamente” no meio do povo, nestas negociações os estudantes obtiveram a concessão de trinta centavos.²⁰

Mais a frente a informação dava conta de que os estudantes estariam se reunindo na manhã do dia 06 de setembro numa reunião que estaria acontecendo no colégio Alfredo Dantas, na ocasião estaria sendo discutida a então proposta. E concluía: “É uma justa reivindicação.”²¹

Nota-se que as reivindicações dos estudantes se apoiavam nos interesses de suas próprias necessidades. Assim, eles se organizavam em mobilizações e lutavam em prol da melhoria do sistema de ensino, ganhando apoio da mídia local:

E por tudo isso, estou solidário com a greve dos estudantes campinenses. É a alma juvenil que está na rua: vibrante, idealista, valente. O protesto dos moços contra a imoralidade. Perderemos as aulas.

Mas que nos perdoem os mestres. Os corações estão sangrando, mas não há outra maneira de protestar contra a onda de lama que suja a Pátria brasileira. Somos

¹⁹ Jornal o Momento 17 de setembro de 1950.

²⁰ Jornal de Campina, 06 setembro de 1953, p. 04.

²¹ Ibidem.

aqueles que não perderam o ideal porquanto jamais adulamos, desertamos ou nos vendemos. Que nos perdoem os mestres... noaldo Dantas. Jornal de campinas.²²

Quinze anos depois, os estudantes campinenses reunidos pelo Centro Estudantal Campinense, contavam com uma longa tradição de lutas, caracterizadas por significativas conquistas para a classe estudantil, com o respaldo adquirido através de passeatas e manifestações que mostravam um setor social forte e organizado.

Dessa forma o Centro Estudantal Campinense, passou a ganhar visibilidade e a demarcando seu espaço de atuação política na cidade, ganhando força e expressividade entre os vários segmentos da sociedade campinense, inclusive entre os próprios estudantes.

Apesar de no Centro Estudantal, em sua organização interna existirem vários grupos e tendências políticas estudantis organizadas, essa fragmentação de pensamentos não interferiu na prática política do Centro, no sentido de conquistar e defender direitos para os estudantes.

Entretanto, as reivindicações estudantis a partir de 1949, começaram a sofrer um deslocamento, deixando a centralidade das necessidades próprias da classe estudantil e passando para atuar em prol das necessidades da sociedade de um modo geral.

No ano de 1952 quem passava pela Praça da Bandeira no centro da cidade, poderia escutar ruídos de vozes, e poderia observar os estudantes reunidos. Naquelas reuniões ocorridas, além dos temas já tratados tradicionalmente, encontravam-se discussões como: problemas relacionados ao abastecimento de água nos lares campinenses, reclamações referentes ao mau fornecimento de energia elétrica, comissões eram formadas na tentativa de investigar e exigir a prestação de contas do então prefeito da cidade Plínio Lemos. Passeatas eram sugeridas e muitas foram organizadas com essa intenção.²³

Nesse período o Centro Estudantal Campinense, participou e comandou de forma atuante de comícios e passeatas protestando pelo assassinato do vereador Félix Araújo, saiu às ruas, ocupou as praças centrais da cidade, foi as rádios e tornou visível os problemas que atingiam a população da cidade. Ressalto aqui que as lutas acima travadas pelo Centro Estudantal Campinense não dizem respeito diretamente aos interesses dos estudantes, mas abarcavam as necessidades básicas do cidadão campinense.

²² Jornal de Campina, 04 de outubro de 1953, p. 04.

²³ Em inúmeras reportagens nos jornais locais puderam ser constatada estas reivindicações, desnecessário se faz transcrevê-las aqui.

Há, portanto, dois tipos de discursos. O primeiro, diz respeito a uma atuação política que se vincula diretamente aos interesses dos estudantes. O segundo diz respeito a uma atuação política mais extensa, que não diz respeito diretamente aos interesses dos estudantes. Dezesete anos mediam entre ambos. O período de 1949 a 1955, representa períodos de grandes escândalos na política campinense, e outros de inúmeros problemas relacionados à infra-estrutura pelos quais passava a população da cidade. Constata-se dessa forma uma mudança discursiva, que além de retórica diz respeito aos “lugares” e “espaços”²⁴ de atuação política que variava na atuação política.

Dessa maneira, desde sua fundação, que atou o Centro Estudantil Campinense, lutando e conquistando benefícios para a classe estudantil, mas que ao mesmo tempo, ampliou seu leque na participação política da cidade, foi um forte aliado dos interesses da população na cidade.

²⁴ Com relação a esses conceitos ver Michel de Certeau a invenção do cotidiano, volume 1, artes de fazer, páginas 201-203.

CONCLUSÃO

O Centro Estudantal Campinense quando fundado tinha intenção de defender os direitos e interesses dos estudantes, todavia houve um deslocamento prático discursivo, a partir de 1949, onde o centro passou a intervir nos problemas e lutas mais gerais da sociedade civil local.

O Centro Estudantal marcou sua presença na sociedade civil campinense, transparecendo aos olhos da maioria da população não só como entidade estudantil, mas como canal mediador e canalizador onde se materializavam os reclames gerais da população.

As questões em torno das quais os estudantes se mobilizavam com maior frequência eram: a falta d'água, aumento das tarifas de transporte, aumento das entradas de cinema, aumento do pão dentre outros.

O discurso em torno das reivindicações estudantis se deslocou para a defesa dos interesses da população, através de situações práticas que reproduziam a situação de carência de infra-estrutura pela a qual passava a cidade.

A partir do ano de 1955, percebe-se novamente uma mudança prático discursiva em torno das reivindicações que os estudantes faziam, mudanças essas que partiam mais para o plano da política nacional.

ABSTRACT

Six days of August 1935, was being created Estudantal Campinense Center - CEC, in Campina Grande - PB. From this date, some youths of the city were organized through an association which brought together students and their interests. Around this institution students claiming certain rights not necessarily fixated on their interests, performing thus a practical-discursive displacement around the issues of basic needs of the city. From the mobilizations carried out by the student movement, aim, through this work is to investigate aspects of the history of this movement in the city of Campina Grande - PB, in the period between 1949 and 1955.

Keywords: Campina Grande; Student Movement; Displacement.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

FORACCHI, Marialice M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. 2 edição, São Paulo, Companhia Editora nacional, 1965.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo, Edições Loyola, 2005a

MARTINS FILHO, João Roberto. **Movimento Estudantil e Ditadura Militar no Brasil: 1964-1968**. Campinas: Papyrus, 1987.

POERNER, Artur. **O Poder Jovem**. 2 Edição revisada e ampliada, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

SANFELICE, José Luis. **O movimento estudantil e a UNE na resistência ao golpe de 64**. Cortez Editora, 1986.

SILVA, Márcia Pereira da. **Em busca do sonho**: história, juventude e repressão – Franca (1960-1970). Montes Claros: Ed. Unimontes, 2001.

SILVESTRE, Josué. **Lutas de vida e de morte** – Fatos e personagens da História de Campina Grande 1945-1953. Brasília, Senado Federal, 1982.

Estatuto de fundação do Centro Estudantal Campinense.

Jornal de Campina, 04 de outubro de 1953, p. 04

Jornal o Momento, 17 de setembro de 1950,p.01

Jornal Formação, 06 de outubro de 1952,p.06